

Carta de Karl Marx a Friedrich Engels em 07 de Dezembro de 1867¹

Em Manchester

Londres, 07 de Dezembro de 1867

211

Querido Fred,

Ontem, apresentei-me à *Loan Society* para exame *bodily* [exame médico]. Isso é mais do que uma mera formalidade, porque se eu estivesse para morrer antes de setembro, a sociedade não teria um *farthing*² de volta. Eu estava receoso de ter de me despir (o destino de um inglês que estava lá comigo). Em primeiro lugar, não gosto de tal especulação inocuar e, segundo, eu ainda tenho neste momento, além de numerosos furúnculos, um carbúnculo à esquerda do lombo, não muito distante do centro da propagação. Felizmente, o companheiro ficou tão impressionado com o meu tórax que não quis saber de mais nada. Eu devo pegar o dinheiro ao meio-dia da segunda-feira.

Você esqueceu de enviar a carta de *Siebel*. Estou mandando *Kugelmann* de volta para você, junto com anexo. Também envio a carta que ele escreveu para mim, junto com anexos. O escrito de *Bürgers* deve ser colocado com os *documentos*. O imbecil foi devidamente lembrado pelos trabalhadores em Düsseldorf³ que (1) no tempo de Lassale ele “queria ter na devida conta as condições”; (2) ele “perdeu suas *ilusões sobre a luta de classes*”, e (3) ele encontrou no Schulze-Delitzsch a solução para todos os mistérios sociais passados e futuros.

No que se refere ao pequeno panfleto suábio^{4,5}, seria um divertido golpe se conseguíssemos ludibriar o amigo de Vogt, o suábio-Mayer [*Schwabenmayer*].⁶ Seria fácil construir a coisa da seguinte forma. *D'abord* [De início] começar dizendo

¹ Esta carta foi traduzida por João Leonardo Medeiros (professor da Universidade Federal Fluminense/pesquisador do NIEP-Marx) a partir da versão em língua inglesa publicada em: Karl Marx & Frederick Engels. *Collected Works*, V. 42 (1864-1868). New York: International Publishers, 1987, pp. 493-495. Em seguida, Tiago Camarinha Lopes (professor da Universidade Federal de Goiás) cotejou a versão em português com o texto em alemão publicado em: Karl Marx und Friedrich Engels. *Werke*, Band 31. Berlin, Dietz, 1965, pp. 403-405.

² [N.T.] No antigo sistema monetário inglês, um *farthing* é igual a um quarto de *penny* [pêni]. O *farthing* foi abolido na reforma de 1961.

³ [N.Ed. MECW] [Trabalhadores] que votaram contra *Bürgers* nas eleições do *Reichstag* do Norte da Alemanha. [A edição não é suficientemente clara, mas pode ser que se trate de uma anotação de Marx no original.]

⁴ [N.T.] Refere-se à Suábia, uma região da Alemanha.

⁵ [N.Ed. MEW] *Der Beobachter*.

⁶ [N.Ed. MEW] Karl Mayer.

que, não importa o que se pense da orientação do livro,⁷ ele é um feito do “espírito [Geist] alemão”, razão pela qual, também, ele foi escrito por um prussiano no exílio e não na Prússia; a Prússia há muito tempo deixou de ser um país em que é possível ou pode ser mesmo encontrada uma iniciativa científica, especialmente nos campos político ou histórico ou social, sendo agora a representação do espírito russo e não do espírito alemão. Em respeito ao livro em si, deve-se distinguir entre duas coisas, entre os desenvolvimentos positivos (“adequados” é o segundo adjetivo) oferecidos pelo autor, e as conclusões tendenciosas a que chega. Os primeiros são uma adição direta à soma do conhecimento humano, uma vez que as relações econômicas atuais são tratadas de forma totalmente nova por um método materialista (“Mayer” adora esta palavra-chave, por causa de Vogt). Por exemplo: (1) o desenvolvimento do dinheiro, (2) o modo como a cooperação, a divisão do trabalho, o sistema de máquinas e as combinações e relações sociais correspondentes desenvolveram-se “de forma natural-espontânea” [*naturwüchsig*].

Agora, no que se refere à *tendência* do autor, outra distinção deve ser estabelecida. Quando ele demonstra que a sociedade atual, economicamente considerada, está grávida de uma forma nova, superior, ele está apenas apontando que a sociedade tem o mesmo processo gradual de evolução que Darwin demonstrou existir na história natural. A doutrina liberal do “progresso” (*c’est Mayer tout pur* [é Mayer inteirinho]) abarca essa ideia, e é seu o mérito por ter demonstrado que há progresso oculto mesmo quando as relações econômicas modernas são acompanhadas por assustadoras consequências diretas. Ao mesmo tempo, graças à sua abordagem crítica, o autor tem, talvez *malgré lui* [apesar de si próprio], declarado a sentença de morte de todo o socialismo no livro, i.e., do utopismo para todo o sempre.

A tendência do autor de ser *subjetivo*, por outro lado – com a qual ele provavelmente estava ligado e obrigado a assumir por causa de sua posição partidária e de seu passado –, i.e., a maneira como ele representa para si e para os outros o resultado último do presente movimento, do processo social atual, não tem qualquer relação com seu desenvolvimento real. Se o espaço permitisse examinar isso mais profundamente, talvez se pudesse demonstrar que seu desenvolvimento “objetivo” refuta suas fantasias “subjetivas”.

Enquanto o Senhor Lassalle bradava insultos contra os capitalistas e adu- lava a atrasada nobreza rural prussiana, o Senhor Marx, ao contrário, mostra a “necessidade” histórica da produção capitalista e castiga severamente a aristocracia fundiária que nada faz além de consumir. O quão pouco ele compartilha das ideias de seu discípulo renegado Lassalle sobre a vocação de Bismarck para prenunciar uns *Millenniums* econômicos ele não apenas mostrou em seus pro-

⁷ [N.Ed. MEW] O primeiro volume de *O capital*.

testos de outrora contra o “*Socialismo real prussiano*”⁸, mas repete abertamente nas pp. 762, 763, onde ele afirma que o sistema hoje dominante na França e na Prússia sujeitará o continente da Europa ao regime do cnote russo⁹, se não for contido a tempo.¹⁰

Essa é a minha visão de como ludibriar o suábio Mayer (que, apesar de tudo, publicou meu prefácio), e pequeno como é o seu jornaleco tosco, ele é, todavia, o oráculo popular de todos os federalistas na Alemanha e também é lido no exterior.

Com relação a Liebknecht, é realmente uma desgraça que, com os numerosos pequenos jornais que ele tem à disposição, ele não os enviou *spontanément* pequenas notas – não demandaria dele o estudo que é tão contrário à sua natureza. O Senhor Schweitzer e Cia. compreende isso melhor, como você pode ver no *Social-Demokrat* que segue aqui. (Kugelmann enviou-me.) Ontem eu mandei para Guido Weiss do *Zukunft* (isso fica *entre nós*) alguns textos justapostos,¹¹ de um lado os plágios expurgados de von Hofstetten, de outro as passagens originais do livro. Eu escrevi para ele ao mesmo tempo que ele deveria publicar *não em meu nome*, mas como se tivesse emanado do *Zukunft* (ou, se isso não fosse factível, então como se tivesse vindo de um leitor do *Zukunft* de Berlim). Se Weiss aceitar isso (*e eu acho que ele aceitará*), então não apenas a atenção dos trabalhadores de Berlim será atraída para o livro mediante a citação de passagens que interessam diretamente a eles, mas uma polêmica muito útil terá sido iniciada, e o plano de *Schwitzer* para ignorar o livro e explorar seus conteúdos será destruído. Maravilhoso como esses caras acham que podem levar adiante o plano de Lassalle. O que poderia ser mais ingênuo do que a maneira como von Hofstetten e o Cidadão Geib juntaram-se na assembleia geral da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães para atacar ferozmente a seção que escrevi sobre a “jornada de trabalho”?

Atenciosamente,

K. Marx

My compliments à Senhora Burns. Eu simpatizei extraordinariamente com o compêndio de Schorlemmer.¹²

⁸ [N.Ed. MEW] Karl Marx & Friedrich Engels: “*Erklärung. An die Redaktion des ‘Social-Demokrat’*”.

⁹ [N.T.] Cnote é um chicote formado por tiras de couro e, por vezes, bolas de metal.

¹⁰ [N.Ed. MEW] [A nota contém uma longa explicação sobre uma resenha do volume I de *O capital* escrita por Engels (mas não assinada) no periódico *Der Beobachter*. Do texto da nota, basta registrar o seguinte comentário:] A passagem aqui mencionada por Marx [pp.762-763] está contida numa nota adicional à Seção I do Capítulo VI da primeira edição alemã do volume I de *O capital*, ao final do livro. Marx deletou essa nota ao preparar a segunda edição alemã (1872).

¹¹ [N. Ed. MEW] Karl Marx, “*Plagiarismus*”.

¹² [N. Ed. MEW] H. E. Roscoe, *Kurzes Lehrbuch der Chemie... Deutsche Ausgabe, unter Mitwirkung des Verfassers bearbeitet von Carl Schorlemmer*.